

Diáspora e Identidade Cabo-verdiana: reflexões sobre construções comunicacionais e transnacionais¹

Paulino Varela Tavares²

Rosane Rosa³

Resumo

Para Cabo Verde, historicamente, limitações estruturais endógenas e vulnerabilidades externas são os principais empecilhos para o desenvolvimento. Assim, o Arquipélago se transformou em um país de emigrantes, gerando ao longo dos anos, a formação de uma “Diáspora” que, em termos sócio-culturais mantém fortes laços com a origem. Assim, o principal objetivo desse estudo é estabelecer uma relação entre a diáspora cabo-verdiana e o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs), como instrumento catalisador de reconfigurações identitárias. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com análise crítica e interpretação das temáticas abordadas. Conclui-se que a formação da diáspora e a dinâmica migratória são fatos irreversíveis que se realimentam por meio das redes sociais, estas indispensáveis para a construção de novas concepções identitárias plurais e fragmentadas, mas que revelam experiências múltiplas de um “sujeito em trânsito”. Assim, a Diáspora Cabo-verdiana, apesar das suas limitações, revela-se importante nessa relação com o país de origem.

Palavras-chave: Diáspora Cabo-verdiana, Identidade, Tecnologias de Informação e Comunicação.

Abstract

For Cape Verde, historically, endogenous structural constraints and external vulnerabilities are the main obstacles to development. Thus, the archipelago became a country of emigrants, generating over the years, the formation of a “Diáspora” that, in terms sócio-cultural maintains strong ties with the source. Like this, the main objective of this paper is to establish a relationship between Cape-verdean diaspora and the use of information and communication technologies (TICs), as catalyst vehicle of identity reconfigurations. The methodology used was bibliographical research with critical analysis and interpretation of the themes. Conclude that the formation of diaspora and migration dynamics are irreversible facts that it feed by social networks, these indispensable for the construction of new concepts of plural identities and fragments, but that reveal multiple experiences of a “subject in transit”. Therefore, the Cape-verdean diaspora, despite its limitations, reveals important in that relationship with their country of origin.

Keywords: Cape-verdean Diaspora, Identity, Information and Communication Technologies.

Introdução

A heterogeneidade das migrações internacionais e a importância que o setor vem recebendo após os anos 1990 com a possibilidade de um novo arranjo dentro do espaço de cooperação global e institucional têm motivado a multiplicação das

¹ Originalmente apresentado no LUSOCOM 2011, GT de Estudos Culturais.

² Cabo-verdeano. Doutorado em Economia e Professor do Instituto Federal Farroupilha–Brasil. E-mail: paulino.tavares@ufrgs.br

³ Doutorado em Informação e Comunicação e Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do POSCOM da UFSM. E-mail: rosane.rosa@terra.com.br

agendas de pesquisas em diversos campos de conhecimento. Tem-se problematizado e valorizado as diferenças e hibridismos culturais também no agendamento midiático e educacional, nas redes sociais e nas conversas cotidianas. Esses estudos e debates, em geral, visam o aprofundar a relação entre a migração e o desenvolvimento dos países.

Assim, parece estar aumentando a consciência social de que “não há sociedade multicultural possível sem o recurso a um princípio universalista que permita a comunicação entre indivíduos e grupos sociais e culturalmente diferentes” (TOURAINÉ, 1997, p. 225). Esta comunicação e relação multicultural potencializam experiências humanas individuais que, quando expressas, tornam-se patrimônio comum, podendo ensinar diferentes maneiras de coexistir “em torno de um duplo movimento de emancipação e de comunicação” (Ibid. p. 241).

Neste duplo movimento do fenômeno migratório, destaca-se a importância de um equilíbrio entre a preservação de uma cultura, sem distanciar-se da realidade macro social. Afinal, “tudo o que aumenta a distância entre sociedade e comunidades, entre economia globalizada e culturas isoladas, tem efeitos negativos, conduz à destruição das culturas, à violência social e às aventuras autoritárias” (TOURAINÉ, 1997, p. 227). Trata-se de um desafio imposto pela pluralidade cultural, de respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem o cenário étnico mundial, e ao mesmo tempo, apropriar-se de características que possam funcionar como um fator de enriquecimento cultural.

É no contexto de desigualdade global e sistêmica que estudaremos o fenômeno migratório e a diáspora, assim como suas implicações decorrentes das identidades, lugares e filiações institucionais, bem como os benefícios dos usos das TICs. O principal problema de pesquisa é estabelecer uma relação entre a diáspora cabo-verdiana e o uso das TICs como instrumento catalisador de reconfigurações identitárias entre o país de origem e os anfitriões. Também, outras questões serão relevantes para qualificar a problemática da pesquisa. Para tanto, abordaremos sobre a mobilidade global dos migrantes, as teorias associadas ao fenômeno migratório, a história da emigração cabo-verdiana e, por fim, esboçaremos uma análise da “*Diáspora*” e a formação identitária no contexto da globalização conectada pelas TICs.

2 Fenômenos Migratórios: Aspectos Teóricos e *Social Network*

As migrações, em termos gerais, estão relacionadas a um conjunto de ações econômicas, sociais, políticas e institucionais que, direta ou indiretamente assola países, locais e regiões ao longo dos últimos séculos. Mas, em sentido restrito, a multiplicação das mobilidades migratórias foi causada tanto pelas guerras mundiais, regionais e locais, quanto pelos conflitos e/ou disputas políticas, intolerância religiosa, questões étnicas, disputas territoriais, ambições separatistas, entre outras. Estes conflitos motivaram e apressaram o fenômeno migratório global que, por sua vez, revelou suas complexidades, causas, conseqüências, tendências e desafios, remetendo assim, para a construção de novas políticas e estratégias para compreender a própria dinâmica migratória e minimizar as intolerâncias geradas.

Atualmente, as migrações são uma das prioridades na agenda política global, conforme destaca o relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais - GCIM (2005, p.8), “há agora uma maior consciência de que os benefícios econômicos, sociais e culturais das migrações internacionais têm de ser mais eficazes, e que as conseqüências negativas dos movimentos transfronteiriços podem ser mais bem resolvidas.” Assim, atenta-se para uma nova percepção sobre o setor da emigração como algo complexo, irreversível, histórico e, por este motivo, objeto de preocupações (ZENTELLA & SCHIESSER, 2005).

As discussões teóricas sobre o fenômeno migratório são, em geral, isoladas por causa da característica multidisciplinar. Por isso, a análise do fenômeno migratório pode ser subdividida nas seguintes correntes: Marxista e Neo-marxista; Neoclássica; Versão *Brain-Drain*; e *Social Network*. Apesar da relevância destas correntes, optou-se por destacar, neste estudo, apenas as duas últimas propostas porque, em geral, estas revelam os diversos aspectos presentes nas agendas de pesquisas sobre a migração. Nas discussões recentes sobre a importância do *brain* no fenômeno migratório, percepções analíticas distintas explicam a complexidade deste setor. Pois, as políticas dos países desenvolvidos contribuem para o aprofundamento de *brain drain*.

Portanto, diante da incapacidade política, tecnológica, econômica e institucional – por parte dos países pobres e em desenvolvimento – em expandir políticas de formação, qualificação e valorização do capital humano e quadros especializados, a tendência é a perda desses profissionais que, em geral, procuram

usufruir das melhores condições de trabalho, segurança e bem-estar social e familiar, dando assim à formação de uma diáspora. Mesmo assim, podemos acrescentar que a diáspora, dentro do contexto global, tem um papel relevante na disseminação das informações e conhecimentos. Esta saliência está intensamente relacionada às inovações das TICs. Assim, a formação e o desenvolvimento das redes de comunicação na diáspora são proeminentes para auxiliar a própria dinâmica do processo de integração social dos emigrantes nos países anfitriões. Conforme Katseli, Lucas e Xenogiani (2006, p. 24) “a Diáspora nos países desenvolvidos pode atuar em forma de rede, fortalecendo o acesso à informação e aos serviços financeiros para os migrantes, promover e estimular o envio desses recursos aos países de origem”.

Portanto, as redes de comunicação e informação exercem importantes funções sociais, culturais e institucionais na Diáspora. Em muitos casos, auxiliam os migrantes em vários processos e são, geralmente, constituídas por organizações não governamentais (ONG'S) ligadas às questões dos migrantes. Esses “sujeitos em trânsito”, na visão de Almeida (2009, p. 66), socializam suas múltiplas experiências vividas por meio de uma escritura plural e fragmentadas, “seja essa uma experiência de alienação (um sentimento de não-pertencimento) ou mesmo de liberação de valores arraigados e experiências culturais (no sentido de que novas afiliações se tornam viáveis pela vivência em trânsito)”. De qualquer forma, revelam a condição de um “entre-lugar” do migrante.

Para Stevens, Di Mattia e Schieb (2009, p. 20), as redes sociais, ao revelar a interconexão entre os países anfitriões e de origem dos migrantes, podem gerar e transmitir efeitos fracos ou fortes. Os impactos fracos ocorrem quando os incentivos para migrar estão focalizados no curto prazo e os efeitos fortes ocorrem na presença permanente de fluxo migratório, independentemente de outros fatores atrativos, desde que contribua para a formação de uma cultura de expectativa positiva nos países de origem. Santos (2003, p.3), também reconhece o potencial das redes, mas alerta que é preciso proporcionar “condições para uma apropriação cidadã dos conteúdos disponíveis [...] e para difusão dos saberes e fazeres comunitários”.

Todavia, sob o ponto de vista dos impactos gerados pelo fenômeno migratório é indispensável a multiplicação das ações em rede visando à aproximação entre o local e o global que, na nossa concepção, significa o desenvolvimento de relações socioculturais, econômicas e institucionais, estas fundamentais para a construção de um ambiente integrador, articulado e múltiplo. Por isso, Haesbaert

(2006, p. 292) afirma que “a rede nunca deve ser tomada como um todo homogêneo e a-histórico.” Além dessa pluralidade de fluxos re/construídos ao longo do tempo, o autor destaca o papel ambivalente das redes, ou seja, simultaneamente territorializador e desterritorializador. Trata-se de um ambiente imaterial, passível de transformação, conexão e implicações, resultantes do próprio processo migratório. Essa imaterialidade anula “a lógica bipolar que tem dominado o pensamento ocidental e a geopolítica contemporânea” (ALMEIDA, 2009, p. 66).

Nesse cenário imaterial, de uma “unidade na diversidade” e de aceleração na mobilidade global, o relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais da ONU (2005), evidencia a importância que as diásporas têm no desenvolvimento dos países de origem. Para tanto, depende de um conjunto de ações, políticas e estratégias de cooperação institucional. Neste sentido, Robinson (2002 *apud* OROZCO, 2006, p. 6) delineou três pontos fundamentais e complementares às percepções já apontadas: *development by the diáspora*, relaciona-se ao uso de redes formada no estrangeiro; *development through the diáspora*, refere-se às diversas formas de conexões e difusões das informações e conhecimentos; *development by the diáspora*, refere-se às ramificações de fluxos de ideias, dinheiro e apoio político ao país de origem. Estes aspectos evidenciam que quanto maior as interconexões comunicacionais entre as diásporas e as comunidades, maior é a possibilidade da participação e do envolvimento ativo do setor nas transformações socioculturais, institucionais e econômicas dos países de origem.

No contexto da globalização, esta geradora de ganhos e perdas, é importante que países que possuem uma comunidade de emigrantes significativa como a de Cabo Verde, estejam cientes da importância das contribuições da diáspora nas transformações que podem ocorrer no país. Após a década de 90, a chamada “economia dos emigrantes” ganhou força por causa dos impactos que geram no desenvolvimento. Martin (2007, p. 7) complementa que, para além das transferências sociais e econômicas “os migrantes freqüentemente formam associações para levantar e remeter fundos para o desenvolvimento da infra-estrutura, saúde e programas de educação e atividades de geração de renda em suas comunidades de origem.”(Nossa tradução).

3 A Emigração e a “Diáspora Cabo-verdiana”

Cabo Verde é um arquipélago formado por dez ilhas, situado na parte ocidental da África a 455 Km da costa do Senegal, com extensão territorial de 4.033 Km² pertencente à zona sub-saheliana com clima árido ou semi-árido. O processo de ocupação e colonização é datado de 1460. O controle das principais atividades econômicas por parte da Coroa portuguesa gerou empobrecimento e a submissão da população à condição da miséria. Assim, houve ausência de compromisso com o desenvolvimento das ilhas por mais de 500 anos de ocupação (1460-1975). Assim, Cabo -Verde foi transformando-se em um país de migrantes.

Os primeiros destinos dos emigrantes cabo-verdianos foram em direção aos EUA, por volta do final do século XVII e início do século XVIII. Neste mesmo período ocorreu também, a chamada “emigração forçada” para Guiné, São Tomé e Príncipe. Em 1924, foi publicada nos EUA a chamada “Lei das Quotas”, que passou a limitar a entrada dos estrangeiros no território americano. Essa medida, mais a depressão econômica e financeira de 1929/30 geraram miséria e morte em grande escala em Cabo Verde, forçando a emigração em massa para vários países africanos da costa ocidental. Assim, formou-se uma “Diáspora” que mantém fortes laços com o país de origem⁴.

Segundo dados do Observatório do Imigrante, a Diáspora Cabo-verdiana no continente africano concentra (50.000) em Angola e 25.000 cabo-verdianos e descendentes no Senegal. O grau de evolução e integração da Diáspora Cabo-verdiana no Senegal é muito significativo, com destaque para o campo da cultura, da política, do direito e da saúde (NEVES, 2002, p. 98).

Após a Segunda Guerra Mundial, para fugir da fome, surgiu uma nova onda de emigração em massa para a Europa. O país mais procurado foi Portugal (52,9%) onde formou-se a maior comunidade dos cabo-verdianos na Diáspora (HORTA E MALHEIRO, s/d).

Analisar o fenômeno migratório no contexto cabo-verdiano significa compreender as limitações históricas e estruturais da economia e da sociedade local, tais como a descontinuidade do território nacional, a dispersão populacional, períodos sucessivos de seca e fome e ausência de riqueza natural (MONTEIRO, 2001). Além disso, as crises internacionais, guerras mundiais e a imposição de um

⁴ http://www.ic.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=20&Itemid=51

modelo de exploração colonial das ilhas nos quinhentos anos da ocupação portuguesa, são variáveis que, historicamente, também explicam as dificuldades de desenvolvimento.

Com base em Andrade (1996) e Monteiro (2001), associamos a formação da Diáspora Cabo-verdiana com o período pós-independência, caracterizada pela emigração em massa de jovens para Europa e EUA. Neste contexto deu-se a formação da Associação dos Quadros Cabo-Verdianos da Diáspora, uma instituição sem fins lucrativos que busca, através dos seus quadros qualificados, desenvolver políticas e ações de aproximação com o país de origem, além de segmentar as inter e intra-relações na diáspora. Abrange os Cabo-verdianos que vivem e trabalham fora do território de origem, podendo ainda acolher no seu âmbito, e, nos termos definidos no Estatuto e Regulamento, as Associações ou outras Instituições das Comunidades Cabo-verdianas da Diáspora e as residentes no país de origem (ESTATUTO DOS ASSOCIADOS, Capítulo I; Artigo I).

Essa Associação evidencia o poder de mobilização da diáspora cabo-verdiana e significa a institucionalização de uma rede comunicacional permanente. Esta rede, potencializada pelas TICs reforça o sentimento de pertença à Nação de origem enquanto cidadãos com direitos e deveres. No entanto, essa mobilização, por si só, não estimula o desencadeamento de um comportamento de pertencimento à nação por parte dos emigrantes. Este sentimento só tem sentido na conjugação de ações e políticas que estimulam a participação ativa dos emigrantes na elaboração de projetos de desenvolvimento. Para isto, torna-se relevante identificar demandas que reforçam não só o envolvimento da Diáspora, mas também que, em termos de mobilização, fomenta a participação tanto do Governo Central quanto dos municípios cabo-verdianos, além das instituições da sociedade civil. Assim, reforçam-se os vínculos identitários e a capacidade de mobilização em prol do desenvolvimento. (IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO, CIDADE DA PRAIA, 2006)

Fagen (2009, p.14), destaca sugestões importantes sobre o papel dos migrantes e da diáspora no desenvolvimento social dos países de origem, tais como: os doadores internacionais devem cultivar as reais e potenciais sinergias entre os esforços despendidos pelas organizações internacionais, ONG'S e associações/grupos da diáspora no que tange ao apoio social para o desenvolvimento dos países de origem; doadores e ONG'S internacionais devem desenvolver formas

de facilitar os esforços da diáspora, contribuindo assim para a melhoria das infra-estruturas educacionais, saúde, acesso às TICs, entre outras.

A partir dessa organização e mobilização, é importante problematizar o que entendemos por diáspora. Para Monteiro (2001, p. 149), pode-se compreender como um “instrumento analítico para o estudo científico de determinados grupos humanos que, partilhando uma mesma base cultural, religiosa e étnica e um mesmo território de origem se dispersaram por diversos países”. Almeida (2002, p.69), complementa que por muito tempo o termo *Diáspora* foi usado para descrever a situação de expulsão dos judeus e armênios, dois povos sem estado-nação, “tendo, no entanto, construído ou mantido a sua identidade étnica ao mesmo tempo em que eram cidadãos de outros países e portadores das respectivas culturas”. Essa dupla nacionalidade também foi justificativa para desconfianças e perseguições, com base na diferença religiosa e se expandiram no século XIX no critério de unicidade nacional e cultural.

Assim, para estabelecer um conceito da “Diáspora Cabo-verdiana”, propõe-se que a mesma seja constituída por todos os indivíduos desta origem que residam no estrangeiro e que mantêm laços com a origem desejando contribuir para o desenvolvimento do país. Incluem-se também todos os indivíduos de outras origens que possuam relações próximas com o país, demonstrando a disposição em colaborar para o desenvolvimento do arquipélago. Esse conceito segue, de certa forma, a apreciação da “Diáspora Africana” que, segundo a União Africana (2005), consiste em pessoas de origem deste continente que vivem fora dele, independentemente da sua cidadania e nacionalidade, e que estão dispostos a contribuir para o desenvolvimento e para a construção da União Africana.

4 Re/Construção de Identidades Transnacionais

A teoria social contemporânea sustenta que as identidades são constantemente re/inventadas e negociadas (HALL, 2006; MALMAN, 2005; CASTELLS, 2006). Neste processo, o eu, instância, sobretudo imaginária, passa por múltiplas modificações: altera o olhar para o mundo, para os outros e, acima de tudo, para si mesmo e para o país de origem. Trata-se da construção da identidade individual, mas apesar de ser pessoal, ela não se situa no individual, pois passa por um fenômeno de interatividade e adoção de pontos de vista de outros sujeitos e

grupos sociais de pertencimento (CAMPOS, 2007). Esse processo resulta em sujeitos *unitas multiple, ou seja* poli-identitários (MEDEIROS, 2004).

Essa idéia de re/construção de uma identidade múltipla e numa lógica relacional é reafirmada por Woodward (1997). Seguindo a perspectiva do autor e fazendo uma analogia com os fluxos migratórios, pode-se pensar que a identidade dos cabo-verdianos depende, para existir naquele novo contexto, de algo fora dela: a saber, de outra identidade, de uma identidade que ela não é, mas que fornece as condições para que ela exista. Essa marcação da diferença também pode apresentar problemas como a negação de similaridades, constituindo os outros como estranhos. Neste sentido, as redes sociais e estruturas alternativas podem contribuir para uma maior aproximação das diferentes culturas.

Na visão de Castells (2006), esse sistema de comunicação reconfigura as principais dimensões da vida humana. O sentido cultural, histórico e geográfico local se desconfigura, para se reintegrar em redes, onde o espaço de lugares é substituído por um espaço de fluxos de sentidos e pertencimentos multiculturais e mundiais. Deste modo, a fragmentação social se propaga, à medida que, segundo Hall (1997), surgem novos grupos com identidades mais flexíveis e móveis, tornando cada vez mais difícil o compartilhamento de valores sociais. Assim, o pertencimento social passa a ocorrer pelas identidades compartilhadas ou seja, a identidade, o lugar, os valores e a cultura do indivíduo, são construídos autonomamente, pelo engajamento espontâneo do sujeito a diferentes grupos. Bauman (2005, p. 35) ratifica essa fluidez afirmando que “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”.

As identidades africanas, por sua vez, seguem a tendência contemporânea, mais heterogêneas, tem se mantido em formação, até porque carecem de uma estrutura institucional que lhes permitem consolidar-se melhor. Para Appiah (2005 *apud* Mama, 2010 p.623) “as identidades nacionais sempre foram mal alicerçadas e sujeitas a permanente contestação, nunca logrando sobrepor-se ao pulsar multi-étnico, multilíngüe e multireligioso do continente”.

A partir dessa dimensão mundo, Mama (2010) concebe as identidades africanas como construídas fundamentalmente pelas identificações com comunidades específicas e com seus valores e condicionamentos históricos. Assim, optamos falar de uma identidade africana que contempla as realidades da diversidade. O desafio é

que a posse de uma identidade africana - emigrante cabo-verdiano pressupõe obrigações éticas, pois, independente do lugar, possuem um traço identitário coletivo. Porém o significado de SER africano e que os emigrantes carregam consigo, continua a ser objeto de constante discussão acadêmica. Isto reflete a natureza das identidades na e da África pós-colonial, ou seja, complexas, ricas e fluidas.

Portanto, distante do desafio de buscar uma identidade una, existe quase um consenso entre os estudiosos no sentido de aceitarem as teorizações pós-coloniais sobre a identidade africana, cuja natureza é múltipla e fluída. Trata-se de uma identidade resultante, simultaneamente, de processos e divisões sociais, dinâmicas internas e influências externas, ou seja, historicamente construída e pautada nas múltiplas dimensões da diferença (APPIAH, 1992; DIAGNE, 2001 *APUD* MAMA, 2010).

Dessas múltiplas dimensões deriva uma identidade híbrida. O hibridismo está diretamente ligado ao fenômeno migratório, a globalização e a expansão das TICs, que permitem o contato entre diferentes identidades multiculturais. Trata-se de combinar igualdade e diferença ou conforme Touraine (1998, p. 224), requer a compreensão de que não são totalmente estranhos, mas são diferentes entre si. Esta necessidade de reconhecimento das diferenças entre indivíduos e grupos é ratificada por Silva & Brandim (2008, p.64), mas eles ressaltam que essa coexistência inclui direitos e oportunidades iguais que “garantam a afirmação de suas identidades e da existência com dignidade humana”.

O reconhecimento dessas diferenças contribui para um melhor entendimento sobre a própria identidade cultural, tornando-a mais inovadora por meio da convivência com a alteridade, até porque, como alerta Touraine (1998, p. 222), “não há nada mais afastado do multiculturalismo que a fragmentação do mundo em espaços culturais, nacionais ou regionais estranhos uns aos outros, obcecados por um ideal de homogeneidade e de pureza que os abafa”

Esta visão é ratificada por Schaun (2009, p.178) que apresenta a oposição do reconhecimento da alteridade associada a questão da identidade e diferença: “Na volúpia da instantaneidade virtual e do mercado, vai sendo permanentemente depreciada a estética da alteridade, e da pluralidade dos povos, reproduzindo-se o modelo da identidade pela diferença, impedindo que seja possível reconhecer no Outro a sua singularidade, enquanto forma possível de habitar o mundo”.

Nesse cenário, o desafio que se coloca é como reconhecer, valorizar e incluir essas identidades culturais, historicamente silenciadas, que políticas inclusivas devem ser implantadas para incorporar essa pluralidade minoritária? Na visão de Santos (2007, p.10) elas devem dar resposta aos problemas do silêncio e da diferença resultantes, principalmente, da cultura moderna hegemônica que teve um contato colonial com outras culturas. Já, o problema da diferença implica uma tensa luta entre “a política da hegemonia que conduz à idéia de que não há outras culturas críveis e a política da identidade fundamentalista”, explica o autor. Essa visão colonialista e opressora contribui para diluir ou apagar as marcas das diferentes identidades culturais, tidas como inferiores.

Pensando numa estratégia de reconhecimento e inclusão desta diversidade cultural, Silva e Brandim (2008, p. 51–66) alertam que a mesma não pode ser concebida dissociada dos contextos das lutas dos grupos culturalmente oprimidos. Até porque, em uma sociedade multicultural e com crescente fluxo migratório, a predominância de uma cultura sobre a outra significa um equívoco crucial, pois como lembra Touraine (1998, p.72) “Somos iguais entre nós somente porque somos diferentes uns dos outros”.

Considerações Finais

O estudo evidenciou que a experiência de vida de cada sujeito, mais especificamente do emigrante africano, bem como os diferentes papéis desempenhados no cotidiano transnacional fundamentam-se nas identificações e projeções com as diferentes identidades coletivas que mantêm contato ao longo existência - africanos e brasileiros, americanos e africanos, africanos e europeus, africanos e africanos, brasileiros e brasileiros, entre outras. As escolhas, pertencimentos, formas de interação e as narrativas socializadas por meio das TICs, principalmente das redes sociais na internet tendem a revelar as marcas da ligação pessoal a diferentes coletivos. Assim, o significado da identidade, mais especificamente do emigrante cabo-verdiano varia em função do lugar e da época em que migrou e dos novos grupos de pertencimento físicos e/ou virtuais.

Portanto, a humanidade está diante do desafio de “recompor o mundo” para viabilizar a convivência em uma sociedade multicultural com crescente fluxo migratório e tensões inerentes com situações marcadas pela etnicidade. A persistência

de etnias de raiz africana evidencia que estão abertas as possibilidades de consciências reflexivas para construção de identidades transnacionais, até porque, como afirma Touraine (1997, p. 241) “este desejo de pluralismo é necessário e o tema do reconhecimento do outro ainda está longe de ter esgotado a sua força de transformação cultural.”.

Referências

- Almeida, S.R.G (2009). Da hospitalidade e do abjeto: percepções do estrangeiro. P.63 a 73. In *Topografias da Cultura*. RAVETTI, G; CURY, M. Z; ÁVILA, M. (Orgs.) – BH: UFMG.
- ANDRADE, E (1996). *As ilhas de Cabo Verde. Da “Descoberta” à independência nacional (1460-1975)*. Paris: L’Harmattan.
- BAUMAN, Z (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. RJ: Jorge Zahar.
- CASTELLS, M (2006). *O poder da identidade*. SP: Paz e Terra.
- FAGEN, P. W (2009). *Migration, Development and Social Services*. IN <http://www12.georgetown.edu/sfs/isim/Publications/GMF%20Materials/IncorporatingMigrationintoDevelopment.pdf> Acesso em 08/01/2010.
- HAESBAERT, R (2006). *O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade*. RJ: Bertrand Brasil.
- HALL, S (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. RJ: DP7A.
- IV CONGRESSO DOS QUADROS CABO-VERDIANOS DA DIÁSPORA. Praia, 19 a 22 de abril de 2006. Acessado em 12 de maio de 2010, de <http://www.congressocv.org/congressos/4/objectivos.php> Acesso em 16/03/2010
- Horta, A.B.; Malheiros, J. M (S/D). *Os cabo-verdianos em Portugal: processo de consolidação, estratégias individuais e acção colectiva*. IN [http://www.ieei.pt/files/Cabo verdianos em Portugal Ana Paula Horta e Jorge Malheiros.pdf](http://www.ieei.pt/files/Cabo%20verdianos%20em%20Portugal%20Ana%20Paula%20Horta%20e%20Jorge%20Malheiros.pdf) Acesso em 16/03/2010.
- KATSELI, L.T.; LUCAS, R.E.B. and XENOGIANI, T. (2006). *Policies For Migration and Development*. OECD. IN <http://www.oecd.org/dataoecd/55/37/37862315.pdf> Acesso em 12/11/2009.
- MAMA, Amina (2010). Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In. SOUZA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, Pgs. 603-637.
- MARTIN, S (2007). *Women, Migration and Development*. IN <http://www12.georgetown.edu/sfs/isim/Publications/GMF%20Materials/Martin.pdf>. Acesso em 08/01/2010.
- MONTEIRO, C. A (2001). *Recomposição do espaço social cabo-verdiano* (Ensaio).
- NEVES, D. *Discurso no III Cong. Dos Quadros Cabo-Verdianos Da Diáspora*. Praia, de 3 a 6 de Abril de 2002. Acessado em 16 de março de 2010, em <http://www.congressocv.org/download/01-Abertura-1-86.pdf>
- OROZCO, M (2006). Considerations on diasporas and development. In. *Inter-American Dialogue*. George Washington University, Washington, DC. IN <http://www12.georgetown.edu/sfs/isim/Publications/RCRCCPubs/Orozco/Diasporas%20and%20development%20Orozco.pdf> Acesso em 08/02/ 2010.
- SCHAUN, Angela (2001). Educomunicação: algumas questões sobre cidadania, racism e mídia Ou (A inclusão da diferença: negro de corpo e alma) In. *XXIV Congresso Brasileiro da*

Comunicação – Campo Grande /MS – setembro. Acessado em 3 de abril de 2010, de <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP12SCHAUN.PDF>.

SILVA, M.; BRANDIM, M (2008). *Multiculturalismo e educação*. Diversa: Ano 1, no1, p. 51-66, jan-jun.

STEVENS, Barrie, DI MATTIA, Anna, SCHIEB Pierre-Alain (2009). The Future of International Migration to OECD Countries, 2009. In http://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/the-future-of-international-migration-to-oecd-countries/the-future-of-international-migration_9789264064126-3-en Acesso 07/07/2010.

TOURAINÉ, A (1997). *Iguais e diferentes: podemos viver juntos?* Lisboa: Inst. Piaget.

União Africana (2005). In *Migração e Políticas de Desenvolvimento no Quadro da CPLP*. Sem. em 6 junho de 2006. Fórum Gulbenkian Imigração.

WOODWARD, Kathryn (2009). Identidade e diferença: uma introdução: uma introdução conceitual. In. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. (org.) Tomaz Tadeu da Silva. 9ª edição. Petrópolis: Vozes.

ZENTELA, G. T. ; SCHIESSER, F (2005). Migration and Development. In *113th Assembly of the inter-parliamentary union*. Geneva, 17-19/10/2005. Acessado em 8 de janeiro de 2010, de www.ipu.org/conf-e/113/2Cmt-rpt.doc. Acesso em 4/3/2010.